

LIVROS E RAQUETES: OUTUBRO 2026

NADA DIGO DE TI QUE EM TI NÃO VEJA, de Eliana Alves Cruz
por Marcia Mazo

Uma cidade com milícias, racismo, fake news, delação premiada, conservadorismo, fanatismo religioso e ruas sujas. Parece 2020, mas esse é o Rio de Janeiro de 1732, ano no qual está ambientado o romance histórico “Nada digo de ti, que em ti não veja”, terceiro de Eliana Alves Cruz e o primeiro da autora premiada pela Pallas Editora. (https://www.amazon.com.br/Nada-digo-que-n%C3%A3o-veja/dp/6556020001/ref=asc_df_6556020001?mcid=cba61661e79831d7b185a9c59c5a40e0&tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=709884550216&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=11691608389956633875&hvpone=&hvptwo=&hvgmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=9198389&hvtargid=pla-920915946383&psc=1&hvocijid=11691608389956633875-6556020001-&hvexpln=0&language=pt_BR)

Para mim, o coração do romance está em mostrar como uma sociedade baseada em preconceitos cria verdades sobre as pessoas e depois as pune por essas mesmas verdades.

A autora coloca no centro personagens que vivem sob o olhar e o julgamento dos outros. Há segredos, cartas anônimas, acusações e julgamentos, e a estrutura do próprio livro: *Dos porquês, Das acusações, Dos processos, Dos julgamentos, Das sentenças* reforça essa ideia.

E há uma questão muito poderosa: **quem tem o direito de dizer quem o outro é?**

Mas existe uma ironia: quem observa também pode enxergar apenas aquilo que seus próprios preconceitos permitem. Então o livro coloca em conflito duas coisas:

a pessoa que somos × a pessoa que os outros dizem que somos.

Isso fica especialmente forte na presença da transexualidade, tema pouco comum em romances históricos ambientados nesse período, e na trajetória de personagens que desafiam aquilo que a sociedade considera aceitável.

O romance não se resume, apenas, como um romance sobre racismo ou escravidão. Ele é também sobre liberdade de ser, desejo, identidade e o preço de não caber naquilo que a sociedade determinou para você.

Na edição brasileira da Pallas, **a capa** tem uma composição que remete diretamente ao universo do romance: mãos, escrita/cartas e a paisagem do Rio colonial. As mãos são particularmente importantes porque as cartas anônimas movimentam boa parte da trama: elas denunciam, acusam, espalham suspeitas e ameaçam revelar segredos. A própria estrutura do livro passa por “acusações”, “processos”, “julgamentos” e “sentenças”.

Uma leitura da capa:

O Rio colonial, onde a história se passa - a mão que escreve → cria uma narrativa sobre alguém → essa narrativa pode se transformar em acusação → a acusação passa a determinar como aquela pessoa é vista.

Isso conversa diretamente com o título: “Nada digo de ti, que em ti não veja.”

Ou seja, quem escreve sobre o outro afirma estar apenas revelando o que “vê”, mas pode estar também construindo uma imagem do outro.